



ID: 117479654

02-06-2025

FOTO
DO DIA

POR

Thibaud Moritz
AFP

PARIS Os adeptos do Paris Saint-Germain festejam, junto do autocarro com os jogadores e equipa técnica, a conquista da UEFA Champions League de 2025 frente ao Inter de Milão, por 5-0, em Munique. A equipa desfilou ontem na Avenida Champs-Élysées, em Paris.

PONTO
DE VISTA*Em cada jornalista um amigo*

POR

**Mariana
Albuquerque**
Jornalista

Há uma morte constantemente anunciada que jamais poderá acontecer. O jornalismo, diariamente maltratado e manchado pelo execrável ódio que corre nas veias das redes sociais, tem de viver. Respirar a plenos pulmões, ser e estar, questionar e contrariar, mesmo com o peso do Mundo às costas.

A caminhada é longa – com curvas e contracurvas que mereciam uma reflexão isolada –, mas há um poder que está ao alcance de todos: o de respeitar o papel e o trabalho do jornalista. Estimá-lo. Dar-lhe valor. Há uma disponibilidade em cada um de nós, jornalistas, que é uma espécie de amor ao ato de entrega da informação. Ser “luz” na vida de alguém, oferecer as peças do puzzle da atualidade para que os leitores possam organizá-lo, entendê-lo e avaliá-lo.

As provas da importância deste papel são infindáveis, mas há

uma muito recente, no dia do apagão ibérico. A partir das 11.33 horas de 28 de abril, sem eletricidade, sem água e sem condições para telefonemas de reclamação, foi o velho rádio a pilhas a única companhia de tantos portugueses. A voz dos jornalistas informou, tranquilizou, desconstruiu teorias da conspiração, orientou e permitiu ao país não ficar em isolamento total horas a fio.

O que muitos não sabem – ou simplesmente não se lembram – é que, para que isso tenha acontecido, muitos profissionais viveram momentos altamente tensos nas redações. A tentar improvisar soluções – com lanternas, nos corredores ou onde fosse – de forma a garantir que, tanto naquele dia como no seguinte, a missão fosse minimamente cumprida.

Eu não estive no jornal durante essa “batalha” e, honestamente, depois de perder o contacto com os elementos da minha equipa, dei por mim mais preocupada com o caos que estariam a viver do que com os problemas resultantes do apagão. E há uma explicação para isso. Em cada

redação há uma família, um núcleo de pessoas muito diferentes que se entendem, que se cuidam e que não questionam o direito de cada leitor a informação.

O mínimo que se pode pedir em troca a quem nos lê, ouve e vê é respeito. O exercício é simples: mesmo com todas as lâmpadas do Mundo a explodir de luz, a morte do jornalismo seria o apagão mais angustiante da humanidade. Ninguém é perfeito e os desafios da profissão são inegáveis – face à ameaça da desinformação e ao crescimento assustador da extrema-direita –, mas só um dia a dia informado nos permite pensar e tomar decisões de forma consciente.

Os meios de comunicação social, em especial a rádio, foram de uma importância extrema na Revolução de 25 de Abril e, hoje, mais do que nunca, têm de continuar a ser encarados como peças fundamentais da liberdade e da democracia. As redes sociais não informam, a inteligência artificial não vive. Não há tempo para ódios, mesquinhas e ataques gratuitos. Em cada jornalista está um amigo.

Mesmo com todas as lâmpadas do Mundo a explodir de luz, a morte do jornalismo seria o apagão mais angustiante da humanidade. Só um dia a dia informado nos permite pensar e tomar decisões

PRIMEIRO PLANO

Salários e casas são cruciais para travar fuga de talentos

Países nórdicos aliciam licenciados em saúde e engenharias. Laboram menos horas por mais dinheiro

Simulação de 28 000€ salário bruto anual

Valores em euros

Custo anual para a empresa

França	37 061
Espanha	36 372
Portugal	34 650
Alemanha	33 593
Países Baixos	31 460
Reino Unido	30 650

Salário líquido anual

Países Baixos	24 401
Reino Unido	22 683
Espanha	21 968
França	21 288
Alemanha	19 216
Portugal	19 070

Salário líquido em percentagem do custo da empresa

Países Baixos	78%	+23 p.p.
Reino Unido	74%	+19 p.p.
Espanha	60%	+5 p.p.
França	57%	+2 p.p.
Alemanha	57%	+2 p.p.
Portugal	55%	

FONTE: OCDE, ANÁLISE ASSOCIAÇÃO BRP

INFOGRAFIA JN / JOÃO CORREIA

Delfim Machado
 delfim.machado@jn.pt

TRABALHO Portugal consegue reter a maioria dos licenciados que forma, mas há uma crescente vaga de emigração para os países nórdicos, em particular nas áreas da saúde e das engenharias. Vão à procura de um salário três vezes maior, de um custo de vida suportável e de uma valorização profissional que cá não existe. Para que ficassem, teriam de ter melhores salários e casas, dizem os especialistas, ao JN.

Todos os anos há 50 mil licenciados que saem das universidades portuguesas e 20 mil que emigram. Estes números são de 2021 e não há mais recentes, pois ninguém pergunta aos emigrantes se têm curso. O que há são percepções de quem estuda a matéria, onde é clara a crescente fuga de cérebros para destinos como a Suécia, Noruega, Dinamarca e Países Baixos. “Quando falamos em qualificados serão sem dúvida nenhuma os países escandinavos e os Países

Baixos”, constata João Teixeira Lopes, sociólogo e docente da FLUP. Os destinos são corroborados por Rui Pena Pires, sociólogo do ISCTE, membro do Observatório da Emigração e coautor do “Atlas da Emigração Portuguesa”: “Até ao Brexit, a maioria da emigração qualificada ia para o Reino Unido, agora há uma atração pelos países escandinavos e Países Baixos”.

MÉDIA DE 5500 EUROS

Ambos concordam que são os licenciados em saúde e engenharias que mais procuram estes destinos. Porquê? “Os salários e a habitação são absolutamente cruciais e o impacto para um orçamento de um jovem é brutal”, observa João Teixeira Lopes.

Ainda que um licenciado ganhe cá o salário médio (1525 euros brutos), lá fora consegue “duas ou três vezes” mais, acrescenta. De facto, o salário médio bruto nos Países Baixos é de 3000 euros, na Dinamarca é de 4800 euros e na Noruega é de 5500 euros. “Nós não vamos conseguir igualar

esses salários. Nos Países Baixos não só têm salários elevados como têm aumentos salariais médios na ordem dos 8% por ano”, completa Rui Pena Pires.

A responsabilidade pela subida dos salários é em grande parte das empresas, mas também do Estado, que parece não estar a fazer tudo. Num estudo de 2023, a Associação BRP, que é composta pelas maiores empresas de Portugal, analisou a carga fiscal de um salário bruto anual de 28 mil euros. Tanto as empresas como os trabalhadores pagam, em Portugal, mais impostos do que nos territórios “concorrentes”.

Em Portugal, esse salário bruto tem um custo, para as empresas, quase 3000 euros superior ao dos Países Baixos, devido às contribuições para a Segurança Social e Finanças. Ao mesmo tempo, o trabalhador de cá ganha menos 5300 euros líquidos do que lá, devido aos mesmos impostos. Isto numa altura em que a Segurança Social está com um excedente recorde e o país sem défice.

SABER MAIS

Remessas tendem a baixar

O dinheiro enviado pelos emigrantes portugueses para Portugal (remessas) até está a aumentar, mas pode ser por pouco tempo. Segundo João Teixeira Lopes, os jovens licenciados que emigram “querem ter melhor qualidade de vida, não passam o tempo a tentar poupar e são menos austeros em relação ao consumo”. Ou seja, “querem viajar e ter melhor casa”, em vez de pouparem para a reforma em Portugal.

Língua e Erasmus ajudam

Os novos destinos dos emigrantes licenciados têm, em comum, o facto de terem a língua inglesa como secundária, depois da língua nativa. Isso esbate fronteiras e reduz os receios de quem arrisca uma vida melhor. Além disso, as experiências de intercâmbio como o Erasmus também abrem a porta de países estrangeiros.

Há outros fatores a empurrar os licenciados para fora do país, além do salário e do preço das casas, explica João Teixeira Lopes: “As empresas portuguesas ainda são muito conservadoras no que diz respeito à conciliação da vida profissional com a vida pessoal”. “Desconfiam muito do teletrabalho” e preferem trabalhar com base no horário do que “no cumprimento de objetivos”, diz ainda. Isto contrasta com países, como os escandinavos, onde “a semana de quatro dias já está em força”.

Perante este diagnóstico, o remédio é subir salários, baixar impostos e construir casas, concordam ambos. A Associação BRP acrescenta que as empresas devem incorporar, na remuneração, benefícios como habitação e de mobilidade, além de adotarem modelos flexíveis como o teletrabalho. Ao Estado, avisam, cabe flexibilizar a legislação e rever os incentivos aos jovens, fazendo, por exemplo, com que o IRS Jovem compense mais do que o programa Regressar. ●



LEONOR DUARTE MARTINS, 19 ANOS

CURSO: LÍNGUAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO



TOMÁS GIESTEIRA, 19 ANOS

CURSO: MEDICINA - ESCOLA DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO MINHO

“O sonho é trabalhar numa organização internacional”

Vontade de mudar o Mundo e baixos salários em Portugal incentivam Leonor a emigrar. Muitos colegas pensam o mesmo

Delfim Machado
delfim.machado@jn.pt

PORTO O gosto de Leonor Martins pela política e pela diplomacia internacional surgiu na Secundária de Arouca, concelho onde residia antes de ir estudar Línguas e Relações Internacionais (LRI) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Agora que está quase a concluir o primeiro ano do curso, o entusiasmo pelas organizações internacionais mantém-se, tal como a vontade de trabalhar noutra país: “Quero muito”.

Aos 19 anos, os objetivos profissionais da jovem arouquense estão diretamente ligados à vontade de mudar o Mundo: “O meu sonho é trabalhar numa organização internacional, não governamental, algo que pudesse provocar mu-

dança”. Leonor quer ajudar a sociedade a “resolver todas as questões que hoje não estão a mudar tanto, como a questão ambiental”: “É uma coisa que me preocupa muito”.

POR UM SALÁRIO MELHOR

Quando escolheu LRI não pensou nas saídas profissionais. O gosto conduziu a aposta e o ano de caloiira intensificou a paixão. Tanto que já pensa em ficar mais uns tempos na academia: “No início só queria fazer o curso e entrar no mercado de trabalho, mas agora já começo a pensar em fazer o mestrado para aumentar as saídas profissionais”.

Sair ou não do país é uma questão muito debatida entre os pares de Leonor, mas ela já se decidiu: “Eu quero muito emigrar. Gosto do meu país e de cá estar,

mas em Portugal recebemos salários cada vez mais baixos e o custo de vida é cada vez mais alto”.

A vontade de Leonor estende-se aos colegas da mesma idade. “A maior parte deles”, assegura a estudante, quer ter uma experiência profissional no estrangeiro e há dois motivos decisivos para isso: “O salário e o preço da habitação em Portugal são os principais fatores”.

Se fosse primeira-ministra – hipótese que não está excluída para o futuro – apostaria em mudar isso: “Salário e habitação”.

Quanto a emigrar, a dúvida é apenas o país de destino. Até há pouco tempo, Inglaterra era o objetivo principal, mas com o Brexit mudou de ideias. Agora será a “Polónia ou Finlândia, um desses países mais localizados no Norte”. ●

“Remuneração conta, mas o bem-estar do trabalhador também”

Só o medo de arriscar separa Tomás do estrangeiro, pois não quer trabalhar “incansavelmente durante uma semana seguida”

Delfim Machado
delfim.machado@jn.pt

BRAGA O “medo de arriscar” é a única coisa que separa Tomás Giesteira do estrangeiro. Com 19 anos, o jovem de Vila Nova de Famalicão é caloiro de Medicina na Universidade do Minho, em Braga, e ainda tem cinco anos para decidir. Para já, confessa, está “num impasse”.

Tomás chegou a Medicina depois de um ano em Engenharia e Gestão Industrial e a mãe é a prova de que está agora no caminho certo: “A minha mãe diz-me sempre que vê quando é que eu estou a gostar porque eu chego a casa e começo-lhe a explicar a matéria”.

Sempre gostou de biologia, de “perceber porque é que o corpo faz isto ou faz aquilo” e quer tirar uma

especialidade no fim da licenciatura. Ainda não sabe em quê, pois agrada-lhe várias, admite, entre risos: “Cada matéria nova é uma especialidade que quero”.

ERASMUS CONTRIBUI

Outra dúvida é se a especialidade se conclui em Portugal ou lá fora. E se depois o trabalho também será cá ou lá: “Emigrar é uma opção que eu ponho em cima da mesa, mas eu sempre fui uma pessoa com medo de arriscar por coisas novas e então há aqui um impasse entre o não querer arriscar e o ir para o desconhecido”.

Tomás não tem dúvidas que a opção de emigrar é cada vez mais equacionada pelos colegas. A vontade de sair cresce “com a globalização, com as redes sociais e com o fim da barreira da língua”, pois os jovens estão em contacto

com a língua inglesa todos os dias. O programa Erasmus também impulsiona a vontade, pois “muitos colegas começam a pensar em emigrar depois de fazerem intercâmbios”.

Embora o salário inicial de um médico esteja acima da média dos trabalhadores, nem sempre isso é o mais importante: “A remuneração conta, mas o bem-estar do trabalhador também”. Por exemplo, refere, “uma coisa que conta muito em países como a Holanda [Países Baixos] é a preocupação com o bem-estar dos trabalhadores”. Essa preocupação concretiza-se “pela redução da carga horária” e pelo cuidado “com a saúde mental”. Não quer trabalhar “incansavelmente durante uma semana seguida, a fazer urgências, com uma carga horária excessiva”, revela. ●

JN 137.º Aniversário > Tecnologia e ciência - Onde queremos estar em 2030?

BioAvatar Ler dados biométricos e conectá-los com um carro

Projeto do CEiiA está centrado na “extensão digital do indivíduo”. Primeira aplicação ocorre em 2027



BioAvatar vai poder interagir com objetos, como o carro BEN criado pelo CEiiA

Rita Neves Costa
rita.n.costa@jn.pt

TECNOLOGIA Num Mundo cada vez mais tecnológico importa criar inovações que sejam capazes de transformar a sociedade, sem que as liberdades individuais e coletivas sejam colocadas em causa. “Somos seres analógicos”, diz José Rui Felizardo, CEO do Centro de Engenharia e Desenvolvimento de Produto (CEiiA), mas conscientes de que não há forma de escaparmos à nossa própria extensão digital. Para que as duas esferas – analógico e digital – convivam em harmonia, o centro tem em mãos o BioAvatar, um dispositivo que permitirá ler dados biométricos, interpretá-los e in-

teragir com os objetos em redor, como um carro.

Parece ficção científica, mas não demorará muito até ser uma realidade. Imaginemos um dispositivo – pode ser um pequeno autocolante colocado na nossa pele –, que lê os dados biométricos, como a variabilidade do ritmo cardíaco, a temperatura e a oxigenação. José Rui Felizardo, fundador do CEiiA e responsável do centro, explica que atividades quotidianas, aparentemente inofensivas, como “uma viagem de avião de longo curso”, “comer feijoadá” ou uma noite mal dormida têm impacto nas medições. Em último caso, afetam também a nossa performance, por exemplo, na condução de um veículo.

LIBERDADE GARANTIDA

O BioAvatar vai permitir uma interação com os objetos ao nosso redor, como os automóveis que, ao interpretarem os dados biométricos, vão alertar os utilizadores sobre os valores. O CEO do CEiiA garante que se tratará de uma decisão

Viatura estará apta a limitar a velocidade consoante os valores dos dados biométricos do condutor

informada e nunca de uma tentativa de condicionamento do cidadão em conduzir ou não um carro. “A tecnologia não pode interferir com a liberdade de cada um”, afirma ao JN. No limite, a viatura poderá estar apta a limitar a velocidade consoante os valores recolhidos nos dados biométricos, a bem da segurança rodoviária. A primeira aplicação do BioAvatar está projetada para março de 2027.

Numa altura em que proliferam os relógios e os anéis inteligentes, capazes de monitorizar a atividade física e até a recuperação desportiva, José Rui Felizardo antecipa que aqueles produtos se tornem obsoletos, não só pelo seu formato, mas também pela

falta de ligação que têm com o mundo dito real e palpável, o analógico.

Há outro facto que explica o risco de os mais recentes produtos de monitorização de performance se tornarem ultrapassados: têm uma vertente comercial e não promovem uma verdadeira transformação social, aponta o responsável do centro de investigação, com polos em Matosinhos, Évora e Lisboa. Uma das missões do CEiiA, refere, é a capacidade de criar um “conceito novo”, como estão a fazer com o carro BEN.

VÁRIAS ÁREAS

O pequeno carro, já amplamente divulgado na comunicação social, está a gerar “uma nova abordagem do conceito de utilizador”, em que não interessa tanto a posse de um carro, mas o uso ocasional da viatura. Trata-se de um veículo de utilização partilhada, que será comercializado como um serviço e não como um produto. No futuro, o BioAvatar poderá ser usado em interligação com o BEN. Mas o céu é o limite: a ambição é que o dispositivo que lê os dados biométricos abranja diferentes áreas e não fique “refém” de um só objeto ou instituição.

O BioAvatar está a ser projetado com “capitais próprios” do CEiiA e terá um estudo associado de 250 pessoas para testar o dispositivo, refere José Rui Felizardo. O projeto envolve diferentes áreas do saber, desde fisiologistas a médicos e sem esquecer os engenheiros. ●

CONTINUA NA PÁGINA 12



SABER MAIS

Mobilidade

O carro BEN desenvolvido pelo CEiiA terá de ser usado conjuntamente com uma plataforma digital, numa solução de mobilidade partilhada. A pré-série será composta por dez carros, para testar a tecnologia.

Equipa

A equipa do CEiiA envolvida no projeto BEN inclui profissionais de várias áreas, nomeadamente mobilidade, soluções digitais, eletrónica e produção.

Sustentabilidade

A plataforma AYR, desenvolvida pelo centro de investigação, foi apresentada oficialmente em 2019. A tecnologia quantifica as emissões de carbono evitadas por cada pessoa e converte-os em créditos.

FORÇA

800

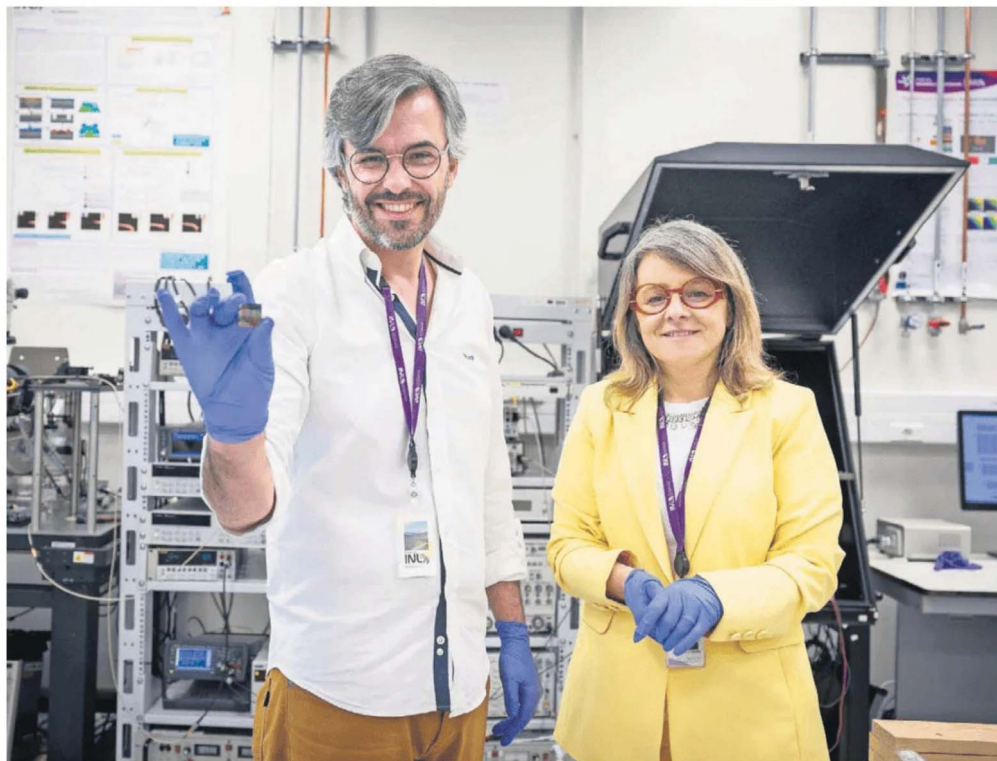
trabalhadores

O CEiiA tem cerca de 800 trabalhadores no total. Desenvolve atividade em várias áreas, como a mobilidade, a aeronáutica e o espaço.

JN 137.º Aniversário > Tecnologia e ciência - Onde queremos estar em 2030?

INL Laboratório impulsiona inovação e tecnologias quânticas

Investigação em Braga quer ajudar Europa a aumentar produção de semicondutores até 2030



Ricardo Ferreira, investigador do INL, e Paula Galvão, da unidade de Negócio e Relações Estratégicas

Ricardo Reis Costa
sociedade@jn.pt

NANOTECNOLOGIA O Laboratório Internacional Ibérico de Nanotecnologia (INL), em Braga, está muito apostado em ajudar a aumentar a produção europeia de semicondutores e contribuir para que Portugal se posicione na aplicação de tecnologias quânticas e emergentes.

Segundo o líder do grupo de investigação em Spintrónica no INL, Ricardo Ferreira, este é um campo de “risco elevadíssimo” e “oportunidades muito grandes”. “Não podemos apontar para onde outros já estão, temos de diferen-

ciar-nos e prepararmo-nos para o que aí vem, amanhã e nos dias seguintes”, assere ao JN.

O instituto sediado em Braga integra três linhas piloto do “European Chips Act”, um programa da União Europeia criado com o objetivo de desenvolver projetos de investigação e inovação no campo dos semicondutores, potenciando a produção e reduzindo a dependência externa. O objetivo do “Chips Act” é aumentar a participação europeia no mercado global de semicondutores de 8% para 20% até 2030.

Uma das linhas principais, a APECS, tem como

grande propósito o “desenvolvimento de tecnologias que complementem a eletrónica convencional”, fazendo-o “mais depressa e melhor”, nomeadamente através das tecnologias de encapsulamento avançado e de integração heterogénea, segundo Ricardo Ferreira.

RETER TALENTO

Também no âmbito do “Chips Act”, o INL é parceiro em projetos que visam a retenção de talento e a disponibilização de conhecimento nessa área a empresas, startups e academias, salientando-se a coordenação do centro de competências em Portugal

(Poems). O INL está ainda envolvido na “plataforma de design” de semicondutores. “Todas estas iniciativas são complementares e sinérgicas”, salienta Ricardo Ferreira.

AUMENTO DA PROCURA

A procura crescente por dispositivos eletrónicos e a interrupção da produção especializada durante a pandemia, particularmente visível no setor automóvel, evidenciaram a necessidade de garantir a capacidade de resposta das cadeias de produção europeias. Os semicondutores estão cada vez mais presentes no dia a dia, dos computadores à indústria

automóvel, das energias renováveis aos equipamentos para a saúde.

No caso do Poems, trata-se de um consórcio que junta 16 entidades – do sistema científico-tecnológico, universidades e centros de investigação – que pretende reforçar a produção essencialmente através do aumento da capacidade de inovação das empresas e da formação de novos profissionais. O Poems tem um horizonte temporal de quatro anos, até 2029, mas já com a perspetiva de ser possível prolongar o projeto.

“Queremos fazer com que a indústria nacional seja mais inovadora e mais competitiva, posicionando Portugal a nível internacional através do nosso expertise”, resume ao JN Paula Galvão, da unidade de Negócio e Relações Estratégicas do INL, salientando as “competências-chave” relacionadas com a área do design, do packaging, dos sensores, da eletrónica flexível e da fotónica.

MOBILIZAR E FORMAR

Enquanto coordenador deste projeto, o INL tem, segundo Paula Galvão, um papel central na mobilização dos principais intervenientes nacionais ao longo da cadeia de valor dos semicondutores, tornando o setor “mais resiliente e competitivo”.

Formação, apoio técnico e apoio a startups são três eixos fundamentais de atuação para ser possível “potenciar a capacidade de inovação” e “captar estudantes para a carreira de semicondutores”. ●



SABER MAIS

Nanociência

Criado em 2005, por acordo dos governos de Portugal e Espanha, o INL é um dos principais centros mundiais dedicados à nanociência.

Vanguarda

Desenvolve investigação de vanguarda em áreas como a nanoeletrónica, a fotónica, os materiais avançados e as tecnologias de semicondutores.

Eficiência

O laboratório aposta na criação de tecnologias energeticamente eficientes e materiais avançados, essenciais para o futuro da mobilidade, telecomunicações e inteligência artificial.

Referência

O INL é uma referência em micro e nanofabricação.

RECURSOS

400

investigadores

de cerca de 30 nacionalidades integram o INL e trabalham numa vasta gama de áreas científicas.

Interior Subsídios de autarquias aos jovens são insuficientes

Incentivos à natalidade são o caminho. Imigração tem ajudado a travar despovoamento



Envelhecimento é uma realidade que caracteriza muitos concelhos do Interior

Eduardo Pinto
locais@jn.pt

DEMOGRAFIA Em 2023, as nove Comunidades Intermunicipais integralmente no Interior do país tinham quase 1,29 milhões de habitantes, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE). Em 2011, tinham 1,42 milhões. São menos quase 130 mil pessoas que há 13 anos. Livia Madureira, diretora do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD) da UTAD, em Vila Real, alerta para a insuficiência dos subsídios dados pelas autarquias para fixar casais no Interior do país.

Inverter a tendência não vai ser fácil, mas Livia Madureira entende que “os

políticos precisam de correr riscos, facilitar a vida às pessoas, libertá-las de tanta burocracia e criar condições para que desejem viver no Interior”.

A migração para os maiores centros urbanos do país é uma das causas do despovoamento de uma extensa faixa do continente, que vai de Trás-os-Montes ao Algarve, a que se soma a emigração e um número de óbitos superior ao dos nascimentos.

REALIDADES DIVERSAS

Livia Madureira avisa, porém, que “o Interior não é homogêneo”, já que existe “uma faixa mais interior e uma faixa mais intermédia colada ao Litoral”, como por exemplo o Tâmega e Sousa, “região que tinha

vitalidade demográfica há 10 ou 20 anos e que, atualmente, também já está a envelhecer”.

No caso da primeira faixa há um “um envelhecimento delegado”, ou seja, “já vem de trás e não se está a acentuar”. A perda de população tem mais a ver com o “saldo natural, devido ao facto de morrer mais gente do que aquela que nasce”. Relativamente à segunda faixa, Livia Madureira nota que o cenário é “mais preocupante”, mas “ainda pode ser revertido” através de “políticas públicas” para “aumentar a taxa de natalidade e compensar os saldos migratórios”.

Há vários concelhos onde a tendência tem estado a ser invertida, em grande medida devido à chegada

de muitos imigrantes. “A imigração tem feito alguma diferença”, nota a investigadora, mas “é uma coisa recente, nomeadamente desde 2021”, já que “o saldo natural tem sido sempre negativo”. Em 2024, segundo o INE, era de “menos 33 732 pessoas em Portugal”, com todas as regiões a ficarem com menos habitantes, exceto a Grande Lisboa que em 2023 e 2024 já teve saldo positivo.

MELHORAR CONDIÇÕES

A diretora do CETRAD avisa que não vale a pena ter ilusões sobre a inversão da tendência de envelhecimento do Interior, que é um problema do sul e do leste da Europa. “Temos de mudar a narrativa e aban-

donar essa ideia de que vamos repovoar o Interior. Se calhar, nem há necessidade disso, o que não quer dizer que não se deva incentivar a natalidade e fazer reformas estruturais no país”.

É aqui que as políticas públicas podem fazer a diferença, nomeadamente através da criação de “melhores condições de vida”. Livia Madureira admite que “os municípios do Interior não se organizaram, embora ainda o possam fazer, para atrair mais população”. E “neste contexto de grande pressão migratória até conseguiriam fazê-lo”. Mas “é preciso que as pessoas possam ter acesso a uma casa, emprego, serviços e condições de comodidade”. E se os territó-

rios tiverem vitalidade e gente “é mais fácil atrair outras pessoas”.

Na sua opinião, os subsídios que algumas autarquias dão a jovens casais para se manterem e para terem filhos “são medidas simbólicas com impacto muito reduzido”. E com as novas gerações é preciso pensar de forma diferente porque, em geral, “não se querem fixar”. Enquanto em gerações anteriores “as pessoas ficavam num sítio a vida toda, atualmente não é assim”. Livia Madureira acentua que “as atuais condições de mobilidade, mesmo internacional, não são compatíveis com essa ideia de querer fixar pessoas”.

Vila Real é um caso de estudo devido ao aumento da população

Túnel do Marão e A4 ajudaram a mudar cenário de isolamento

FIXAÇÃO A diretora do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento da UTAD, Lúcia Madureira, diz que há uma intenção de estudar o caso de Vila Real no contexto de despovoamento do Interior. “Uma cidade interessante porque se tornou relativamente central em termos de localização, graças ao Túnel do Marão e à autoestrada A4”. E isto porque muitas pessoas trabalham lá, mas residem noutras localidades e só ficam no concelho durante alguns dias da semana. “Médicos, professores, estudantes, funcionários públicos, entre outros... A realidade é muito mais transversal à sociedade do que parece. É um novo padrão”.

O presidente da câmara, Rui Santos, adianta que a perceção atual é a de que “a população está a crescer e muito”. Olha para a comparação entre os anos letivos 2013/2014 e 2024/2025 e destaca o facto de “a UTAD ter mais dois mil estudantes, que não são contabilizados como residentes, mas vivem nele”. Há ainda “2500 imigrantes legais, número que cresce a cada ano que passa”. ● E.P.

INDICADOR



Subida do emprego

Entre 2013 e 2024, o número de empregados inscritos subiu de 13 mil para 20 mil (+46%).



← Sofia trocou a saúde pela investigação na área da viticultura

REPORTAGEM

Interior “Se as minhas filhas gostam, aqui vou ficar”

Sofia Correia viveu a infância e a juventude no Porto e fez o percurso inverso a milhares de jovens: foi trabalhar para Vila Real e nunca mais de lá saiu

POR
Eduardo Pinto
eduardo.pinto@ext.jn.pt

Sofia Correia nasceu, cresceu e estudou no Porto e seguiu um rumo diferente ao de muitos milhares que abandonam o Interior do país para irem para cidades maiores no Litoral. Foi trabalhar para o Hospital de Vila Real, saiu para estudar ainda mais, mantém-se na cidade transmontana e trabalha na área da viticultura. Pelo menos para já, não pretende regressar à Invicta. “Em Vila Real, tenho tudo o que preciso para ter uma vida confortável”, justifica.

Atualmente com 40 anos, Sofia Correia licenciou-se em Microbiologia na Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica e fez o mestrado em Bioquímica na Faculdade de Ciências e no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Em 2010, partiu para Vila Real para fazer um estágio no Laboratório de Anatomia Patológica do hospital. “Até que percebi que não era na área da saúde que eu queria trabalhar e que queria crescer profissionalmente”.

Decidiu ingressar, então, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

como bolsista de investigação: primeiro, na área da genética, e, depois, na agronomia ligada aos pequenos frutos. Acabou por doutorar-se com uma investigação sobre a melhoria da qualidade da cereja. Os passos seguintes levaram-na para a viticultura e, em 2021, foi contratada pela Sogrape para trabalhar em projetos de investigação, nomeadamente na Região Demarcada do Douro. “Adoro o meu trabalho”, confessa.

SEGUNDA TERRA

Apesar de viver em Vila Real com as duas filhas e ter a restante família no

Porto, as saudades que às vezes sente ainda não tiveram suficiente força para a fazer pensar em deixar a cidade que a acolheu. “Não tenho família cá, mas tenho bons amigos, o que também é muito importante”, salienta, destacando que a sua segunda terra tem “tudo de que se precisa e qualidade de vida”.

Sente, em Vila Real, “um acolhimento constante” por parte das pessoas e diz-se “satisfeita” com os serviços de saúde, elegendo-a como “ideal e fabulosa para quem quer ter crianças”. Já perguntou às filhas se queriam ir para o Porto e a resposta foi que “nem pen-

sar”. Resumindo: “Se elas gostam de estar aqui e se eu gosto do meu trabalho aqui, é aqui que vou continuar”.

Ainda por cima, o Porto está a menos de uma hora de distância contada em tempo de viagem de carro. Quando chegou a Vila Real, em 2010, ainda circulava pelo IP4. Desde 2016, quando abriu o Túnel do Marão, “nunca mais” passou naquele itinerário principal, pelo menos na zona da serra. “O túnel foi das melhores coisas que fizeram na região. A par da autoestrada A24, permitem estar rapidamente no Porto, em Chaves ou em Viseu”.

HORA E MEIA DE VIAGEM

Lembra-se de que, quando vivia no Porto, demorava “quase uma hora e meia nos transportes entre a casa dos pais e a universidade”. Se houver algo que tenha de fazer na Invicta, rapidamente vai e vem “sem grandes problemas”.

Recorda os tempos de estudante na Católica, em que teve colegas de Chaves, de Torre de Moncorvo e da Régua e “eles não regressaram às origens, ficaram no Porto”. No ano passado, festejaram 20 anos da entrada no Ensino Superior num jantar e “foi interessante” perceberem que Sofia tinha sido a única a fazer o percurso inverso. “Eu só conhecia em Vila Real um casal amigo dos meus pais e uma prima, que dava aulas cá. Algo meu chamou”, sorri. Talvez tenha sido o que agora a prende: “O gosto por valorizar a região e a vida dos viticultores do Douro”. ●



Álvaro Costa
CEO da TRENMO

“O TGV vai resultar numa alteração gigante. Vai aliviar a rede convencional. Representará um ganho de capacidade e de especialização. Os estudos apontam para uma procura elevada”



Paula Teles
Especialista em mobilidade urbana

“Espero, uma rede de transportes públicos reforçada, com maior frequência e melhores interfaces, para que a transição do carro para modos mais sustentáveis seja natural”



Rio Fernandes
Geógrafo/Prof. da Universidade do Porto

“O Porto do futuro, como as cidades do Centro e do Norte da Europa do presente, terá menos automóveis e mais veículos de transporte coletivo. E pessoas a andar a pé e de bicicleta”



← O metro tem duas linhas em obra e quatro em projeto

responder ao desejo de quem habita a grande cidade (Porto, Matosinhos, Maia, Gondomar e Gaia), onde se minimizam os movimentos e se promove a acessibilidade”, diz, para o curto/médio prazo.

TURISMO EM EXCESSO?

Se o TGV e o fortalecimento do aeroporto vão estreitar a relação com o Norte de Espanha e outros pontos do Mundo, a crescente atratividade do Porto e o turismo de massas também acarretam desafios.

“Há cada vez mais hotéis e restaurantes, além de outros estabelecimentos, mas é cada vez menos possível quem aí trabalha viver na sua proximidade. O mesmo se aplica a quem estuda. Todos os dias é um vai-e-vem intenso. A estes movimentos somam-se os de quem procura serviços diversos e os outros visitantes – milhões por ano – que de outras partes do país, da Galiza ou entrando pelo aeroporto, chegam como turistas. O Porto está a esgotar a capacidade de acolher mais gente”, alerta Rio Fernandes, reforçando a importância da rede de transportes públicos.

Igualmente focada neste fenómeno, Paula Teles espera que “em 2030 o turismo já tenha migrado para outros locais da cidade do Porto, libertando o excesso na baixa”. E defende uma “maior restrição automóvel na Baixa, na área Património da Humanidade e nalguns lugares âncora”.

Para o triângulo Porto-Gaia-Gondomar, Álvaro Costa põe em cima da mesa a hipótese de se avançar com “o teleférico e as travessias fluviais” para ajudar a cidade a “respirar”. ●

Área Metropolitana “Porto do futuro terá menos automóveis”

Expansão do metro e TGV vai reforçar oferta de transporte público na região

Miguel Amorim
mamorim@jn.pt

MOBILIDADE A expansão da rede do metro, mais o comboio de alta velocidade (TGV) e duas novas pontes sobre o rio Douro, precisamente para estes dois meios de transporte, prometem marcar o quotidiano da Área Metropolitana do Porto nos próximos anos.

A empreitada é de monta. O metro tem seis linhas em funcionamento, duas em obra (Rosa e Rubi) e quatro em projeto: Gondomar, S. Mamede (Matosinhos), Trofa e Maia. Tudo para ficar pronto em 2030.

Só para as ligações em projeto estão previstos mais de 1000 milhões de euros. “A expansão satisfaz. São boas opções. As pessoas de fora poderão deslocar-se ao Porto mais facilmente”, antecipa Álvaro Costa, CEO da TRENMO, empresa especializada na área da mobilidade.

Noutros trilhos, os do TGV, promete-se ligar a Invicta à capital portuguesa em 1,15 horas e à Galiza (Espanha) em 50 minutos. A data apontada para a conclusão de ambos os percursos é 2032. Portanto, muitos investimentos à vista, sem esquecer a novidade do metrobus na cidade do

Porto já este ano, mas que não apagam a dúvida sobre se o transporte particular, o mesmo é dizer automóvel, manterá a sua preponderância. Por isso, não espanta que os estudiosos do assunto ambicionem uma Área Metropolitana menos saturada de carros e a respirar melhor.

“A mobilidade em 2030 tem de ser cabalmente o segundo direito, a seguir ao primeiro direito da habitação. Sem ela, não há verdadeira liberdade. Espero que a cidade do Porto seja exemplo de uma mobilidade urbana sustentável, amiga do ambiente e verdadeiramente inclusi-

va”, augura a especialista Paula Teles.

O desejo do geógrafo e professor universitário Rio Fernandes segue igual caminho. “O problema da circulação já não se resolve com estradas, ruas e semáforos. Obriga a gerir melhor o espaço disponível, dando prioridade aos veículos que transportam mais gente. O Porto do futuro será uma cidade com menos automóveis e mais veículos de transporte coletivo (subterrâneos e à superfície) confortáveis e pontuais. E pessoas a andar a pé e de bicicleta. De preferência, de acordo com um futuro pensado, e planeado para

ID: 117479654

02-06-2025

JN 137.º Aniversário > Mobilidade - Onde queremos estar em 2030?

Rede de transportes públicos

METROBUS

Durante o segundo semestre deste ano, iniciar-se-ão as obras para a construção

Ligação Boavista - Império
Casa da Música, Guerra Junqueiro, Bessa, Pinheiro Manso, Serralves, João de Barros e Império

Ligação Boavista - Anémona (Matosinhos)
Casa da Música, Guerra Junqueiro, Bessa, Pinheiro Manso, Antunes Guimarães, Garcia de Orta, Nevogilde, Castelo do Queijo e Cidade do Salvador

Linhas em CONSTRUÇÃO

Rosa (final de 2025)
S. Bento, Hospital de Santo António, Galiza e Casa da Música

Rubi (final de 2026)
Casa da Música, Campo Alegre, Arrábida, Candal, Rotunda, Devesas, Soares dos Reis e Santo Ovídio

Linhas em PROJETO

Os novos traçados vão ficar concluídos até 2030

Linha de Gondomar (6,9 km)
Contumil, São Roque, Cerco, Lagarteiro, Lagoa, Valbom, Hospital Fernando Pessoa, Oliveira Martins e Souto

Linha de São Mamede (6,55 km)
Senhora da Hora, S. Gens, Xanana Gusmão, Elaine Sanceau, Pedra Verde, S. Mamede, ISCAP e IPO

Linha da Trofa (10,22 km)
ISMAI, Ribela, Muro, Serra, Bougado, Pateiras, Trofa Sul e Paradela

Linha de Maia (13,01 km)
Os Verdes, Ponte de Moreira, Espido, Parque Maia, Parque Maia II, Chantre, Catassol, Maninho, Gueifães, Milheirós, Águas Santas, Caverneira, São Gemil, Giesta, Pedrouços, Hospital S. João e Roberto Frias

Novas PONTES sobre o rio Douro

- A Ponte Ferreirinha** entre a zona de Massarelos/Campo Alegre (Porto) e a Arrábida (Gaia), com uma cota de 70 metros acima do rio e uma extensão total de 835 metros
- B Ponte para ferrovia** de alta velocidade. Entre Campanhã (Porto) e Oliveira do Douro (Gaia)



FONTE: METRO DO PORTO, INFRAESTRUTURAS DE PORTUGAL

INFOGRAFIA JN / JOÃO CORREIA



Aeroporto Francisco Sá Carneiro continuará a crescer

Novas rotas e captar mercado à Galiza sustentam otimismo

AVIAÇÃO Entre os responsáveis nacionais, no que respeita ao potencial de crescimento do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, a palavra de ordem é de otimismo. A evolução do número de passageiros suporta esta tendência. Novas rotas e a possibilidade de captar mercado à Galiza alicerçam a confiança.

Se, em 2014, a soma anual ficava abaixo dos sete milhões de passageiros, até 2019 cresceu sempre a dois dígitos e, em 2024, atingiu-se um recorde, com quase 16 milhões. Hoje, no Sá Carneiro estão 35 companhias, voando para 120 destinos.

Recentemente, o secretário de Estado das Infraestruturas, Hugo Espírito Santo, elevou ainda mais o patamar, apostando nos "40 a 45 milhões" de passageiros por ano. "Precisamos que seja o aeroporto de referência de todo o noroeste da Península Ibérica", justificou. Em curso estão obras de 50 milhões de euros para reforçar a capacidade do Sá Carneiro, mas que não incluem a sua ampliação, através da construção de uma segunda pista.

Para Álvaro Costa, CEO da TRENMO, o quadro é favorável: "O aeroporto tem que acompanhar a procura e ser pró-ativo. Terá que investir. Em Lisboa não há mais capacidade e na Galiza falta organização no transporte aéreo. O Porto deve aproveitar essas debilidades e agarrar a oportunidade".

ID: 117479654

02-06-2025

JN 137.º Aniversário > Natalidade - Onde queremos estar em 2030?

Grávidas Os desafios de criar um filho num país de incertezas

Três futuras mães identificam dificuldades e partilham os medos e obstáculos sobre o futuro dos bebés

Daniela Jogo
daniela.jogo@jn.pt

TESTEMUNHOS Maria, Ana e Liliana não se conhecem, nunca se viram, nada sabem umas das outras. Mas daqui a algumas semanas hão de partilhar a novidade de terem um novo amor nos braços, dando-lhe colo no presente e servindo-lhe de escudo no futuro. Foi sobre esse “amanhã” – os sonhos, os medos e as inquietações – que falaram ao JN. Certas de que o estado do Mundo, seja ele qual for, não se irá sobrepor ao papel da maternidade há muito desejado.

Aos 25 anos, Maria Caldas vai cumprir o sonho da vida. Grávida de 34 semanas,

a coordenadora de eventos sempre quis ser mãe jovem, apesar de reconhecer as dificuldades que isso representa em Portugal. “É complicado decidirmos qual é a altura perfeita, principalmente sendo jovens. Os baixos salários, a instabilidade na educação e na saúde pesaram bastante”, admite.

Para Ana Prata, a decisão de engravidar foi tomada com ponderação, porque não “basta querer ter filhos”. “Pesou a questão financeira, se teríamos ou não estabilidade para avançar, e também a idade, porque queríamos ser pais novos. Quanto mais tarde, mais dificuldade poderíamos ter”, conta a

psicóloga de 29 anos.

O tiquetaque da idade também sussurrou ao ouvido de Liliana Pinho. Chegada aos 33 anos, “começou a fazer mais sentido ser mãe”. E com receio de que engravidar fosse difícil, por só ter um ovário, decidiu começar a tentar. No mês seguinte, tinha a filha Madalena no ventre.

NO CONFORTO DO PRIVADO

Visando um acompanhamento médico mais personalizado e com tempo, o recurso à saúde privada foi uma escolha das três, que têm seguros para ajudar nos custos. “As consultas são mais longas, não existe pressa para terminar, nem ‘timings’ apertados, e os

médicos acabam por conseguir gerir melhor o tempo e até os recursos”, defende Ana. Apesar de ser seguida pela médica de família, a jovem de Leça da Palmeira sentiu a necessidade de complementar o acompanhamento do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

Uma realidade semelhante à de Maria, que considera que há “certos confortos” que é “impossível ter no público”. “Há cuidados com o parto que só vou conseguir no hospital privado e também não quero passar por certas coisas, então prefiro pagar”, confessa. Já a escolha de Liliana prendeu-se mais com o “historial médico” e o facto de conhecer os profissionais “do que

com as falhas no público”. Aliás, para a diretora de marketing, a experiência no SNS está a ser “ótima”.

OS DESAFIOS DE EDUCAR

A saúde está longe de ser a única preocupação das gestantes. Da educação às redes sociais, os desafios de criar um filho estão identificados pelos pais, hoje “mais informados”. “Preocupa-me a toxicidade das redes e o ambiente nas escolas. Ouvimos cada vez mais casos de bullying, até mais do que propriamente a falta de professores ou o tipo de educação que se dá na escola”, diz Liliana. Natural de Aveiro, mas a viver no Porto há mais de 10 anos, acredita que a família

é fundamental, porque não se pode esperar que as crianças “aprendam tudo sozinhas na escola”, nem se deve “delegar tanto a responsabilidade de as educar aos professores”. Para Ana, o caminho será usar a evolução tecnológica a favor da maternidade, sem ignorar os benefícios de brincar na rua e de contactar com a natureza: “Acho que é importante eles terem as experiências, sentirem as coisas. Isso faz diferença.” No entanto, admite, “a partir do momento em que o bebé vai para a escola, há muita coisa que deixa de ser possível perceber e isso é assustador”.

➔ CONTINUA NA PÁGINA 24



Maria Caldas, a viver em Gaia, sempre quis ser mãe



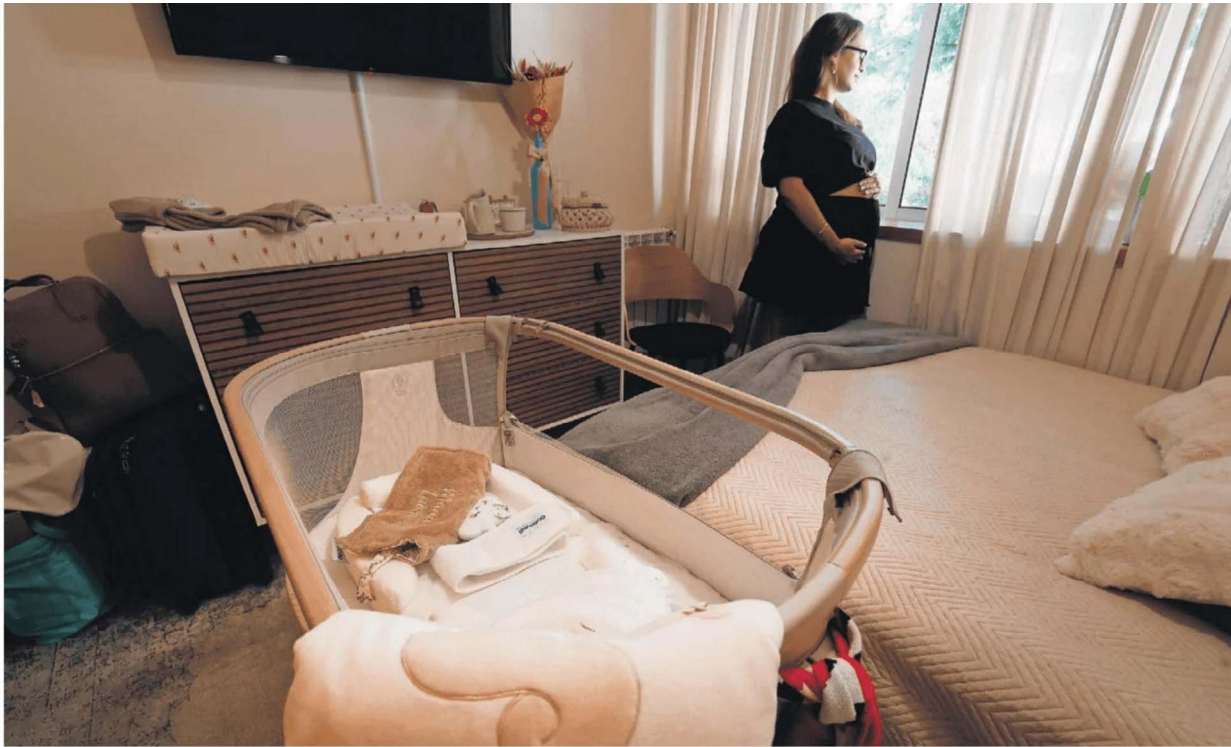
Ana Prata está grávida de 20 semanas



Aos 33 anos, Liliana Pinho entrou na maternidade

Instabilidade não condiciona o sonho de aumentar a família

Apesar das dificuldades e dos receios, Maria, Ana e Liliana têm a ambição de ter mais filhos



trabalho, mas espero que a sociedade lhe facilite a vida", desabafa.

Também futura mãe de uma menina, Maria não esquece o percurso sinuoso das mulheres que "já passaram por tanta coisa" para conquistarem os mesmos direitos dos homens, mas que agora vivem numa geração que tem "sede de fazer diferente" e "valoriza a liberdade". "Eu quero que ela sinta que, para ser uma mulher independente, precisa de ser desenrascada, precisa de ouvir o próximo, mas também precisa de fazer as coisas com as mãozinhas dela e não esperar que caiam do céu", explica a jovem de 25 anos.

MAIS FILHOS

Em 2024, a natalidade em Portugal inverteu o sentido dos últimos dois anos e desceu, com uma queda de 1,4% em relação a 2023. Esta é uma tendência para a qual estas mulheres não querem contribuir: as três têm a ambição de construir uma família com mais do que um filho.

"Daqui a cinco anos gostava de ter pelo menos uns três filhos, porque gostava muito de poder ter uma família grande, como aquela da qual eu venho", confessa Ana. Já Liliana "não gostava que a Madalena fosse filha única e, portanto, gostava de ter uma família de quatro pessoas, mais os bichos". "Quero poder dar mais segurança financeira a Malu e quero continuar com o conforto e com o amor que nós temos dentro de casa. E dando tudo certo com a Malu, mais filhos e uma vida leve", revela Maria. ●

Medos e inquietações à parte, mães sonham em poder criar os filhos num ambiente saudável

Daniela Jogo
daniela.jogo@jn.pt

GRÁVIDAS "Quem tem filhos tem cadilhos". O ditado é antigo, mas a sabedoria popular continua a fazer sentido. Ser pai é uma "responsabilidade enorme" e há muitas variáveis que devem ser pesadas na balança. "Temos de pensar se temos uma casa ou não, se temos um trabalho estável ou não, no que é que nos falta fazer e como é que isso vai afetar os nossos planos futuros", explica Liliana Pinho. No entanto, defende que, quando o desejo fala mais alto, "há determinadas coisas em que o mínimo é suficiente". E o

mínimo pode ser um teto, ainda que seja alugado, um trabalho estável e uma relação saudável.

Com 31 semanas de gestação e um espírito marcadamente positivo e pragmático, a diretora de marketing não se desgasta com temas em que pode intervir, mas mostra-se apreensiva com os fatores que podem influenciar a vida da filha e sobre os quais "os pais não têm um papel ativo", em assuntos como o clima ou a conjuntura social do país. "Preocupam-me as alterações climáticas porque se de repente tivermos uma alteração ao nível do clima, nós não vamos a tempo de fa-

zer nada. Se de repente viermos numa ditadura e se houver fatores externos a limitar a liberdade e os direitos, o meu papel fica muito limitado, e isso sim preocupa-me bastante", admite. Porém, a consciência de que ela própria também viveu num Mundo com diferentes perigos ajuda a acalmar o coração de mãe de primeira viagem.

FUTURO RISONHO

Desassossegos e inquietações à parte, a felicidade de gerar uma nova vida sobrepõe-se a qualquer cenário hipotético menos positivo. Convictas de que o "momento perfeito" não

existe, Maria, Ana e Liliana embarcaram na aventura da maternidade com sonhos e esperanças na bagagem.

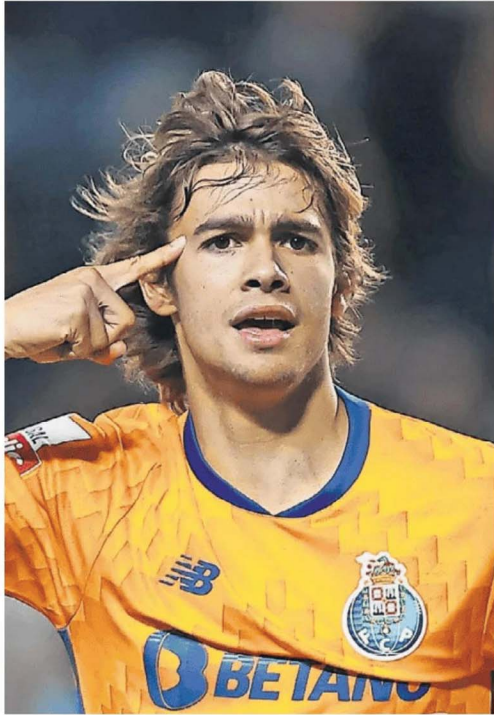
"Acho que o mais importante é poder proporcionar ao bebé experiências positivas, poder estar presente, poder vê-lo crescer numa família com amor e com condições para o ter em casa. E quando eu falo em condições não me refiro a dinheiro, mas sim à presença, ao afeto e ao carinho", defende a psicóloga Ana Prata. Carrega na "barriga tímida" de 20 semanas, o fruto do amor da relação de 10 anos que construiu com André, e para o benjamim da fami-

lia só tem um sonho: "que ele possa viver livremente para atingir os seus objetivos".

É também em liberdade que Liliana espera que a filha Madalena possa viver. "Acredito que hoje em dia estamos mais conscientes da ideia de que é possível perdermos as liberdades conquistadas no passado", por isso o grande desejo é que o "Mundo continue a avançar" e que no futuro "ela possa contribuir para um Mundo melhor para os outros". "Sei que ela vai ter de olhar pelo ombro muitas vezes, que vai ser posta em causa muitas vezes, que vai ter de lutar pelo papel dela no mundo do

Os craques que podem levar a seleção à glória no Mundial luso

Portugal acolherá, com Espanha e Marrocos, a maior prova da FIFA e há diamantes prontos a brilhar



RODRIGO MORA IDADE: 18 ANOS
POSIÇÃO: AVANÇADO
CLUBE: F. C. PORTO



GEOVANY QUENDA IDADE: 18 ANOS
POSIÇÃO: EXTREMO
CLUBE: SPORTING



JOÃO NEVES IDADE: 20 ANOS
POSIÇÃO: MÉDIO
CLUBE: PSG

Nuno A. Amaral
nuno.a.amaral@jn.pt

FUTEBOL O ano de 2025 decorre sem que a passagem de testemunho na seleção portuguesa esteja concluída, mas mesmo que a idade biológica de Cristiano Ronaldo aponte para os 29 anos e que o astro madeirense já tenha afirmado que, assim sendo, ainda poderá jogar mais uma década, não é de crer que em 2030 seja o avançado a liderar a equipa das quinas no Mundial que Portugal vai organizar, juntamente com Espanha e Marrocos.

CR7 terá, nessa altura, 45 anos, pelo que o mais pro-

vável será assistir pela televisão a uma prova que a seleção lusa não deixará de abordar como uma das favoritas ao título. A cinco anos de distância, e mesmo descontando a volatilidade do desporto-rei, há craques a despontar no futebol português que poderão chegar a essa competição numa idade ideal para brilhar a grande altura.

São os casos de Rodrigo Mora, Geovany Quenda (ambos com 18 anos agora) e João Neves (20 anos), em realidades diferentes na atualidade, mas com potencial para estarem no topo da pirâmide europeia e mundial em 2030, tal o

talento que têm vindo a evidenciar dentro das quatro linhas.

Transferido do Benfica para o PSG no ano passado, por 60 milhões de euros, Neves está a confirmar no clube da capital francesa a qualidade que mostrou nas duas épocas em que despontou no Benfica. O médio já esteve no Euro 2024 e é um dos indiscutíveis da seleção que vai tentar a qualificação para o Mundial do próximo ano, sendo de prever que em 2030, aos 25 anos, esteja no auge das capacidades.

Geovany Quenda explodiu no Sporting na temporada que agora está a chegar

ao fim e, apesar de ainda não se ter estreado na seleção principal de Portugal (chegou a ser convocado, mas não saiu do banco), será uma questão de tempo até isso acontecer. Apesar de já ter sido contratado pelo Chelsea, por 50 milhões de euros, o extremo ainda vai jogar na próxima época em Alvalade, à procura de confirmar as qualidades que o transformam num dos 10 jogadores mais promissores da Europa com menos de 21 anos, de acordo com a lista de candidatos ao prémio Golden Boy, divulgada na semana passada. Em 2030, então com 23 anos, Quenda será

decerto um quebra-cabeças para qualquer defesa.

Também com 18 anos, Rodrigo Mora é o mais recente produto de luxo da formação do F. C. Porto e, nos últimos meses, atraiu as atenções dos amantes do futebol com uma série de jogadas e golos soberbos ao serviço dos dragões. Convocado para a final four da Liga das Nações, o atacante portista pode estar em vias de se estrear na seleção portuguesa, apenas um ano depois de ter brilhado no Europeu de sub-17. Em 2030, muito provavelmente, Mora já não estará a jogar em Portugal, mas poderá ajudar a equipa das qui-

nas a chegar muito longe no Mundial.

MÃO CHEIA DE ESTRELAS

Na atual seleção lusa, há uma série de jogadores que em 2030 estarão no auge das carreiras. De Diogo Costa a Nuno Mendes, passando por Gonçalo Inácio, Vítinha, Francisco Conceição ou Rafael Leão, Portugal tem talento de sobra para continuar a bater-se com as melhores equipas mundiais, sendo certo que nos próximos cinco anos outros craques das seleções jovens chegarão ao patamar mais alto. ●



LAMINE YAMAL
 CLUBE: BARCELONA
 IDADE: 17 ANOS
 POSIÇÃO: EXTREMO

ENDRICK
 CLUBE: REAL MADRID
 IDADE: 18 ANOS
 POSIÇÃO: AVANÇADO

DÉSIRÉ DOUÉ
 CLUBE: PSG
 IDADE: 19 ANOS
 POSIÇÃO: EXTREMO

Yamal lidera pelotão de candidatos ao trono que foi de Messi e CR7

Espanhol já é favorito à Bola de Ouro deste ano e promete estar no topo mundial em 2030. Brasil também tem estrelas de futuro

Nuno A. Amaral
 nuno.a.amaral@jn.pt

FUTEBOL No plano internacional, há jovens em ascensão que daqui a cinco anos vão, com grande grau de certeza, dominar os relevados, mas nenhum tem a projeção atual de Lamine Yamal. Aos 17 anos, o extremo do Barcelona já é o maior candidato à próxima Bola de Ouro, depois de uma época que confirmou o que de bom tinha feito no Euro 2024 ao serviço da seleção espanhola.

Prodígio de técnica e dotado de uma incrível capacidade de remate, Yamal será uma das grandes estrelas do Mundial do próximo ano e também do de 2030, sendo que nesse jogará em casa, pois a Espanha será um dos países organizadores da prova, em conjunto

com Portugal e Marrocos (só os três primeiros jogos serão realizados na Argentina, Uruguai e Paraguai).

O futuro do futebol mundial passará muito pelos pés de Lamine, mas há outros jogadores apontados a carreiras brilhantes. Em Espanha, Cubarsí (18 anos), Nico Williams e Pedri (ambos com 22 anos) são certezas do presente que entrarão na próxima década, enquanto do Brasil chegam novos talentos que haverão de substituir a geração atual, muito marcada pelo insucesso da seleção canarina nos últimos anos, que o treinador italiano Carlo Ancelotti, contratado há poucos dias, vai procurar reverter.

A Vini Júnior, Rodrygo e Raphinha sucederão Endrick e Estevão, ambos com 18 anos sendo que o

primeiro já joga no Real Madrid e o segundo pertence aos quadros do Chelsea, embora ainda vá jogar pelo Palmeiras até ao final do Mundial de Clubes.

Em França, Mbappé é o nome maior do presente, mas há vários talentos já a ferver na seleção vice-campeã mundial, sendo o jovem atacante Désiré Doué (18 anos), do PSG, o mais precoce de todos, depois de se ter destacado nos últimos meses na grande campanha realizada pela equipa parisiense na Liga dos Campeões.

Barcola, Manu Koné e Rayan Cherki são outros talentos dos "bleus" a ter em conta para amadurecer até 2030, tal como os ingleses Cole Palmer e Jude Bellingham ou os alemães Florian Wirtz, Adeyemi e Jamal Musiala. ●

Lei Wenger pode acabar com foras de jogo de centímetros

Adivinham-se alterações nas regras do futebol, sobretudo no protocolo do VAR. Combater as perdas de tempo é prioridade

Nuno A. Amaral
 nuno.a.amaral@jn.pt

FIFA Mesmo que o "International Board" (IFAB), o organismo que toma as decisões sobre as regras do futebol, seja conhecido pelo conservadorismo, os próximos anos podem trazer várias mudanças nas leis do jogo. A maior revolução de todas relaciona-se com a possível criação da "Lei Wenger", assim denominada por ter sido proposta pelo antigo treinador do Arsenal, que no fundo pretende acabar com os foras de jogo de poucos centímetros, detetados pelo vídeoárbitro (VAR), que anulam vários golos.

Se for aprovada, a lei fará com que um fora de jogo só possa ser assinalado se o jogador atacante tiver todo o corpo à frente do penúltimo defensor. Neste momento, se o atacante tiver

uma parte da chuteira ou o ombro à frente (os braços não contam pois não podem ser utilizados para marcar golos), está em situação irregular.

Em estudo estão, igualmente, alterações ao protocolo do VAR, relacionadas com a possibilidade de os treinadores e as equipas terem uma ou mais hipóteses de pedir a revisão de lances que considerem passíveis de ser revertidos ou assinalados em sentido contrário ao do árbitro.

MUDANÇAS APROVADAS

Para já, o IFAB definiu como prioridade o combate às perdas de tempo e ao anti-jogo, estando já aprovadas medidas que entrarão em vigor na próxima época. Uma das novas regras impede os guarda-redes de terem a bola nas mãos durante mais de oito segundos: caso esse tempo seja

excedido, é assinalado um pontapé de canto para o adversário, sendo que até esta época o limite era de seis segundos e dava direito a um livre indireto, algo que, na prática, raramente acontecia. A regra de só o capitão de equipa poder falar com o árbitro, experimentada em 2024/25, revelou bons resultados e vai ter sequência.

O Mundial de Clubes, cuja primeira edição começa daqui a duas semanas nos EUA, trará a novidade de alguns árbitros usarem câmaras corporais, depois de terem sido efetuados testes positivos noutras competições. Segundo a FIFA, o objetivo é "identificar possíveis utilizações futuras e desenvolver normas de qualidade e segurança" e também transmitir em direto pelas televisões determinados momentos dos jogos. ●



Alteração pode contribuir para a redução de erros dos árbitros assistentes

JN 137.º Aniversário > Festa e conferência - Onde queremos estar em 2030?

Concerto “Vim de propósito de Coimbra para participar na festa”

Leitores fizeram questão de assinalar aniversário de um jornal que dizem ser uma “marca da região”



← Largo do Amor de Perdição, no Porto, acolheu banda de música rock que toca êxitos das décadas 70, 80 e 90

CONFERÊNCIA

Debater o futuro aos 137 anos de idade

O Porto Business School será palco, hoje, da conferência que assinala os 137 anos do “Jornal de Notícias” e onde estará em debate a forma como a criatividade e a inovação podem ser motores da mudança. Susana Romana, guionista e humorista, Francisco Porto Fernandes, presidente da FAP, Débora Campos, fundadora e CEO da AgroGfIn Tech, e António Relvas, diretor de Inovação da Tekever, serão os intervenientes. O ministro da Presidência, António Leitão Amaro, encerra o debate.

Hermana Cruz
hermana.cruz@jn.pt

PORTO Alberto Morais passou o dia em Coimbra a trabalhar, mas, ainda assim, fez questão de arrear o caminho para estar no Largo do Amor de Perdição, no Porto, às 17.30 horas, para assistir ao concerto de aniversário do JN, com a banda de covers The Foxy Rock. Pelo JN, conforme foi enfatizado por vários leitores presentes, por considerarem ser “uma marca da cidade e da região”.

“É um emblema da cidade do Porto. Até devia fazer mais iniciativas destas. O

JN faz parte da cultura da cidade. É o jornal que sempre comprei”, sublinhou Alberto Morais. Luísa Teixeira partilha dos mesmos motivos para ter rumado ao Largo do Amor de Perdição: “Há muitos anos que costumamos ler e assinar até. Vim pelo JN, pelo aniversário, é uma referência da cidade”.

MÚSICAS PREFERIDAS

Já, no caso de Ana Batista, foi o filho que a fez espriar o que se estava a passar junto a Cadeia da Relação. “Vimos festejar o dia da criança e ele quis assistir ao concerto. Foi um mero ac-



Concerto da banda Foxy Rock animou a tarde

so. Não sabia que era o aniversário. É o jornal que consulto quando quero saber uma notícia”, disse aquela moradora do Porto. António Estrela deslo-

cou-se da Senhora da Hora, em Matosinhos, até à zona dos Clérigos, não só pelo aniversário mas também pela música. “Vi o anúncio e percebi que era uma ban-

da que toca músicas dos anos 70, 80 e 90. São as minhas preferidas”, referiu.

Durante hora e meia, a banda The Foxy Rock colocou todos a dançar no Largo do Amor de Perdição, ao som de êxitos de rock ‘n’ roll dos anos 70, 80 e 90, de ícones como Guns N’ Roses, Bon Jovi, Led Zeppelin e AC/DC. Um grupo que procura “homenagear e elevar o rock ‘n’ roll para o lugar de apreciação e destaque que merece. Hoje, realiza-se a grande conferência JN sobre o tema “Onde queremos estar em 2030” (ler mais informação na caixa ao lado). ●



FOTOS: FÉLIX CORREIA

Maria Caldas (à esquerda) e Liliana Pinho: futuras mães partilham preocupação sobre o futuro dos filhos

EDIÇÃO ESPECIAL DO 137.º ANIVERSÁRIO

Onde queremos estar em 2030?

Retenção de talento Salários e casas são cruciais para travar fuga de jovens **Tecnologia e ciência** Projetos de vanguarda que estão a fazer a diferença **Território** Subsídios não mudam a face do Interior **Mobilidade** Porto do futuro terá menos carros **Natalidade** Criar um filho num mar de incerteza **Desporto** Os craques que podem levar a seleção à glória mundial **Visão política** Marcelo Rebelo de Sousa e Luís Montenegro escrevem sobre os desafios de Portugal Páginas 2 a 30